

Culturas Juvenis – Música e Escola: O que a literatura problematiza

Margarete Arroyo
Universidade Federal de Uberlândia
e-mail: margaret@ufu.br

Sumário:

Esta comunicação apresenta o relatório parcial da pesquisa “A escola e a interação de adolescente e música popular: estudos críticos analisados sob uma perspectiva sociomusical da interação humano-música”. A meta dessa investigação é avançar no entendimento da interação de jovens e práticas musicais, com destaque para a dimensão da aprendizagem dessas práticas. Busco com esta pesquisa contribuir tanto para um adensamento na compreensão desse grupo social quanto dos fazeres e novas sensibilidades musicais construídos por essa classe de idade. Os resultados parciais indicam que a escola precisa se articular com as culturas jovens e para tanto necessita ser transformada.

Palavras-Chave: culturas juvenis, música, escola, estudo bibliográfico.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o relatório parcial da pesquisa “A escola e a interação de adolescente e música popular: estudos críticos analisados sob uma perspectiva sociomusical da interação humano-música”.

A referida investigação teve início em agosto de 2005 e seu término está previsto para julho de 2006. Ela faz parte de um projeto de estudo mais amplo, cujo tema é a interação de adolescentes/ jovens e músicas. Por seu lado, este tema, sobre o qual tenho me ocupado desde 2004, vincula-se a um interesse investigativo que tem norteado minha produção: estudo da interação de pessoas e músicas através da aprendizagem musical em diferentes contextos socioculturais.

A pesquisa que será parcialmente relatada aqui foi proposta a partir de resultados de minha investigação anterior de caráter microsociedade, quando me inseri etnograficamente em uma escola pública rural da cidade de Uberlândia, MG, interessada na relação de adolescentes - estudantes de 5ª a 8ª série – com a música popular. Os dados interpretados sob a teorização de DeNora (2000) evidenciaram que a relação dos adolescentes com a música popular envolve sentimentos, percepção, cognição, consciência, corporalidade. Como algumas dessas experiências – sentimentos, corporalidade - tendem a ser negadas ou altamente disciplinadas pela cultura escolar, surgiu o questionamento se a escola seria um *locus* para que a interação dos adolescentes e música popular pudesse fluir na densidade que é vivenciada no cotidiano dos jovens.

Um avanço em vista desse questionamento seria estudar a literatura que problematiza a escola na sua articulação com as culturas juvenis, com destaque para a música popular. Assim, mapear essa literatura e refletir criticamente sobre a escola como espaço de prática e discussão da interação de adolescentes/jovens e música popular tornaram-se objetivos da nova pesquisa. As suas questões norteadoras foram: o que essa literatura problematiza sobre a articulação da escola com as culturas juvenis - foco na música popular? Ela aponta contradições, tensões, confluências nessa articulação?

A relevância dessa investigação encontra-se nas dificuldades da interação de adolescentes/jovens e música no contexto escolar. Muitas razões têm sido indicadas para esta constatação: as precárias condições de trabalho nas instituições escolares, a falta de preparo dos professores, o desinteresse dos estudantes e a crise da escola, são algumas delas. Mas, talvez, o

grande desafio seja as novas sensibilidades que esses jovens estão construindo. Corti e Souza, citando idéias de sociológicos, apontam os jovens como “profetas de seu tempo” (2004, p.19); Peralva, em discussão sobre os estudos relativos à juventude, observa as sensibilidades em transformação: “enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir” (1997, p.23).

Entendo também que estudos sobre a interação de jovens e música, especialmente sobre a aprendizagem de música envolvida nessa interação, contribuem tanto para um adensamento na compreensão desse grupo social quanto dos fazeres e novas sensibilidades musicais construídos por essa classe de idade.

Em termos de fundamentação teórica, continuo trabalhando sobre a teorização da “força semiótica da música” elaborada pela socióloga britânica Tia DeNora (2000). A metodologia é de caráter qualitativo, baseada na pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo (Bardin, 1988).

A seguir, descrevei sucintamente os procedimentos metodológicos; posteriormente, os resultados parciais e finalizo com um ensaio interpretativo.

Os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo percorreram as seguintes etapas: pré-análise, exploração dos materiais, tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 1988). As técnicas utilizadas foram a “análise categorial” e a “análise das relações”. A primeira “funciona por operação de desmembramento do texto em unidade” e a segunda, orienta para “as relações que os elementos do texto mantêm entre si” (ibid, p. 197).

1) Pré-análise – nessa fase foi feita a seleção dos textos. Essa seleção pautou-se por priorizar a literatura que discutisse a articulação da escola com as culturas juvenis- foco na música popular. Entretanto, outros temas foram se “impondo” para dar conta de compreender aquela articulação: as dificuldades na definição do conceito de juventude; ser jovem na sociedade contemporânea; as culturas juvenis; a interação dos jovens e músicas, a crise da instituição escolar na sociedade atual.

Do estudo dos textos selecionados, resultou a elaboração de indicadores temáticos e subtemáticos, seguidos de recortes não parafraseados da literatura. Esse procedimento resultou no material básico a ser explorado na próxima etapa, material constituído de 20 temas e 21 subtemas, seguidos de citações da literatura.

2) Exploração do material - os procedimentos aqui foram: leitura das citações agrupadas nos temas e subtemas e reagrupamento dos trechos em quatro grandes categorias temáticas. Essas estão destacadas a seguir, com discriminação da literatura estudada até o momento:

1. Estudos sobre a juventude (Abramo, 2003; Ariès, 1978; Corti; Souza, 2004; Peralva, 1997; Peralva; Sposito, 1997; Silva, 1998; Sposito, 1993/1994; 2002);
2. Culturas juvenis e cultura escolar (Dayrell, 2002; 2003; 2005; Corti; Souza, 2004; Green, 2003; Hargreaves, 2005; Peralva, 1997; Peregrino; Carrano, 2001; Tenti Fanfani, 2000);
3. Juventude e música: (Fialho, 2004; Dayrell, 2005; Green, 2003; Rabaioli, 2005; Silva, 2004; Silva, 1998; Schmeling, 2004);
4. Música na escola: (Green, 2003; Hargreaves, 2005; Hentschke; Souza; Cunha; Bozzeto, 2001; 2002).

Essas categorias também foram subtematizadas conforme o quadro 1 e registradas seguidas dos trechos originais. Exemplos desse procedimento estão no quadro 2.

EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: codificação dos dados brutos dos textos	
<p>I- ESTUDOS SOBRE A JUVENTUDE</p> <p>1.1. Histórico geral 1.1.1.- Recortes teóricos 1.2. Política sobre a juventude no Brasil 1.3. Da definição da categoria juventude 1.3.1. A definição da categoria juventude como “epistemológica imprecisa” 1.3.2. Revisão bibliográfica do tratamento da categoria juventude 1.4. A juventude como objeto de estudo 1.5. Por que estudar a juventude? 1.6. Juventude e classes sociais e gênero</p> <p style="text-align: center;">III – JUVENTUDE E MÚSICA</p> <p>3.1. Interação adolesc/jovens e música 3.1.1. Classes populares e gênero masculino 3.1.1.1. RAP e família 3.1.1.2. Idade 3.1.1.3. Rap, drogas e marginalidade 3.1.1.4. Música e sentido 3.1.1.5. Música e instituições de socialização 3.1.1.5.1. Família 3.1.1.5.2. Trabalho 3.1.1.6. Formas, meios e locais de interação com a música (novas práticas musicais) 3.1.2. Classe média 3.1.2.1. gênero feminino 3.1.2.2. gênero masculino 3.1.2.3. Formas, meios e locais de interação com a música (“novas práticas musicais”) 3.1.2.3.1. gênero feminino 3.1.2.3.2. gênero masculino 3.2. Música e sentido 3.3. gêneros musicais e preferências</p> <p style="text-align: center;">IV. MÚSICA NA ESCOLA</p> <p>4.1. Música popular na escola Histórico na UK 4.2. juventude, música e escola 4.2.1. relação entre música na escola e música fora da escola 4.2.2 “O terceiro ambiente” 4.3. dúvidas sobre música na escola</p>	<p>II – CULTURAS JUVENIS E CULTURA ESCOLAR</p> <p>2.1. Debate sobre culturas juvenis e cultura escola no Brasil - histórico 2.2. A escola e construção da categoria juventude 2.1.1 – escola vê jovens apenas como alunos 2.3. cultura juvenil 2.3.1. Juventude e tempo presente 2.3.2. como os jovens vêm a escola 2.4. modelos de escola 2.4.1. Escola: limitadora ou ampliadora de opções 2.4.2 - “escolacentrismo” 2.4.3. características de uma boa escola para os jovens 2.4.4. “Transformação da escola” – 2.4.4.1 – pela mudança curricular 2.4.3.2- pela mudança de estrutura 2.4.4.3 – pela inadequação da escola na sua capacidade educativa 2.4.4.4 – pelo estabelecimento “de relações com outros agenciamentos socializadores” 2.4.4.4.1. Incorporar a cultura do jovem 2.4.4.5. Partir do que jovem sabe e não do que ele não sabe (suas carências). 2.4.4.6. pelo reconhecimento no direito dos jovens de viverem sua juventude 2.4.4.7. escola como centro juvenil 2.4.4.8. pelo diálogo e menos imposição 2.4.4.9. pela abertura da escola para a participação juvenil 2.4.4.10. “experiências que apontam para um novo modelo- educação é mais que instrução; é formação humana” 2.4.4.11. escola como espaço de acesso e aperfeiçoamento cultural 2.4.5. escola reprodutora dos interesses hegemônicos 2.4.5.1. escola, jovens e tensão 2.4.5.2. escola e inserção social 2.5. Pedagogia da juventude 2.5.1. ensina refletir, estabelecer relações entre o que aprende e o cotidiano 2.5.2. o jovem como sujeito 2.6. Projetos desenvolvidos 2.6.1. fora da sala de aula 2.6.2. A experiência Chilena 2.7. relações entre gerações 2.8. “escolarização das expressões culturais juvenis” 2.9 da relação professores-jovens 2.10. da relação escola-jovem 2.11 – PARADOXO 2.11.1 – na cultura escolar 2.11.2- na relação entre a cultura escolar e a cultura jovem.</p>

Quadro 1 - Categorias

Tema II - CULTURAS JUVENIS E CULTURA ESCOLAR

2.3. Subtema: cultura juvenil –

2.3.1. Juventude e tempo presente

Corti e Souza defendem a importância de se considerar a vivência da juventude do tempo presente e em seguida relacionam essa característica à escola: "Eles vivem o seu tempo presente, desfrutando das vantagens e enfrentando as desvantagens de sua condição. Assim, negam-se a viver em função de um futuro incerto e buscam construir sentidos para a sua vida no presente. Essa busca dos jovens coloca novos desafios para a família e a escola, duas das principais instituições socializadoras, pois ambas concentram seus esforços na preparação de indivíduos capazes de exercer plenamente seu papel de adulto. São instituições muito preocupadas com a transmissão cultural e com o futuro. No entanto, os jovens estão num momento de descoberta de si e do mundo, numa busca por novos sentidos e num exercício efetivo no presente. Ao desvalorizar ou até condenar essa busca, a sociedade e suas instituições deixam de reconhecer e respeitar as peculiaridades de seu momento de vida (...) É um erro ancorar os jovens nesta temporalidade projetada (...)" (2004, p.23).

Tema IV – MÚSICA NA ESCOLA

4.2. Subtema: juventude, música e escola

4.2.2 “O terceiro ambiente”

O terceiro ambiente refere-se “àqueles locais que não são nem a escola e nem a casa; lugares como parques, garagens, clubes de jovens ou a própria rua. Entretanto, o terceiro ambiente também pode ser o quarto de dormir, ou até mesmo a sala de aula: o fator crucial é a ausência de qualquer atividade formal ou de supervisão por um adulto. As atividades musicais do terceiro ambiente são auto-conduzidas e geralmente incluem índices elevados de motivação e compromisso” (Hargreaves, 2005, p.35).

Quadro 2- Procedimentos

3) Tratamento, inferência e interpretação dos dados: como foi indicado, esta pesquisa encontra-se em andamento. Para fins desta comunicação, será realizado um ensaio interpretativo, com base em DeNora, relacionado à necessidade de transformação da escola com relação às culturas juvenis. Selecionei este subtema, pois creio que para que a experiência musical aconteça com todo seu poder semiótico, com a densidade de sentidos que ela promove, a escola tem que mudar. Daí meu interesse em saber o que estudiosos pensam a respeito dessa mudança. Antes, porém, sintetizo o que entendo ser o centro da teorização de DeNora (2000).

Os resultados do estudo de DeNora apontam que a música tem poder na vida cotidiana. “Ela está implicada em muitas dimensões do agenciamento social”, isso é, está implicada com “sentimento, percepção, cognição e consciência, identidade, energia, *embodiment*” (DeNora, 2000, p.16 e 20). A explicação básica desta força, segundo a socióloga, é a capacidade da música, como outros materiais, (“lingüísticos, tecnológicos ou estéticos”), de fornecer elementos para apropriação. A música fornece propriedades - sua materialidade (tempo, melodia, harmonia, etc) e as associações socioculturais que lhe são investidas. Trata-se, portanto, de uma interação entre atores e espaço sonoro-temporal; de “fornecimentos” que são “constituídos e reconstituídos durante o curso da ação (...)” – da interação humano-música. (Ibid, p.40).

Voltando à literatura consultada, de modo geral ela indica que a escola encontra dificuldades na sua articulação com as culturas juvenis. Para que essa articulação passe a acontecer, é necessário, entre outros, a transformação da instituição escolar. *Porque* e *como* transformar a escola?

Por que transformar a escola? Nenhum dos autores propõem uma *desescolarização* no sentido da extinção da escola. Tenti Fanfani (2000, p.2) fala nas mudanças na escola em face dos seus “sintomas mais evidentes e estridentes”: “a exclusão e o fracasso escolar, o mal-estar, o conflito e a desordem, a violência e as dificuldades de integração nas instituições, e, sobretudo, a **ausência de sentido** da experiência escolar para uma porção significativa de adolescentes e jovens latino-americanos (...)”. Para Peregrino e Carrano, as escolas precisam mudar porque, entre outros

sintomas, elas “se configuram como espaços de **contenção física e simbólica** de jovens e crianças” (2003, p.19).

Como transformar a escola? Os autores (Peregrino; Carrano, 2003; Corti; Souza, 2004) concordam que o centro dessa transformação deve estar na articulação da escola com as culturas juvenis. As palavras de Dayrell sintetizam essa concordância:

O maior problema da escola é o de não incorporar a cultura do jovem. Os alunos sentem que qualquer coisa que aconteça fora do mundo escolar é mais interessante e responde mais efetivamente à etapa que estão vivendo. No Chile costuma-se dizer que, para entrar na escola, o jovem precisa deixar de ser jovem. [...] Ou seja, o currículo ainda é muito distante das necessidades dos desafios do mundo em que vivem os alunos. (Dayrell, 2003, p. 176).

Essa articulação com as culturas juvenis requer que se conheçam os jovens nas suas múltiplas constituições; que ele seja visto como jovem e não simplesmente como aluno:

Também é importante reforçar a necessidade de pensar e lidar com o jovem como sujeito. No cotidiano da escola, significa superar as visões negativas e preconceituosas a seu respeito e percebê-lo como ele realmente é, além da sua condição de aluno. É um indivíduo que ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências e possui desejos e propostas para melhorar sua condição de vida. Levar em conta o jovem como sujeito é adequar a escola a uma 'pedagogia da juventude', considerando os processos educativos necessários para lidar com um **corpo em transformação, com os afetos e sentimentos próprios dessa fase da vida e com as suas demandas de sociabilidade**. (Dayrell, 2003, p.187).

Os trechos em negrito nas citações acima foram destacados por mim com o objetivo de sinalizar para a interpretação desses a partir da teorização de DeNora. Percebe-se que essas transformações da escola apontadas pelos autores criam espaços para que a experiência musical aconteça com seu poder semiótico, com a densidade de sentidos que ela promove, segundo DeNora. Entretanto, não podemos ser ingênuos já que promover essas mudanças requer um esforço enorme, pois elas implicam, antes de tudo, mudanças sociais e culturais. Nesse sentido, alguns paradoxos foram apontados pelos autores. Destaco dois:

Peregrino e Carrano (2003, p.16) citam Machado Pais:

Para o pesquisador português, a escola, apesar de ser um espaço que o jovem pode gostar de frequentar, ainda não reconhece as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação. É exatamente isso que tais culturas (re)clamariam: inclusão, reconhecimento e pertença. Estaríamos, então diante de um paradoxo: a escola tem como marcas históricas o conservadorismo, a manutenção das relações de poder, e as culturas juvenis, em sua maioria, têm o gosto pela mudança. O que fazer?, pergunta Machado Pais: transformamos a escola, ameaçando com isso as relações sociais? Ou silenciemos a juventude, negando os jovens como sujeitos possuidores de culturas próprias?

Hargreaves (2005, p.37) problematiza a relação entre o “terceiro ambiente” e educação musical escolar:

a relação entre a música dentro e forma da escola é paradoxal – assim que os professores tentam se envolver no “terceiro ambiente”, ele deixa de sê-lo. O desafio dos educadores musicais é o de promover o conhecimento, as habilidades e os recursos para sustentar a “música interna” e própria dos alunos, ao mesmo tempo em que permanecem “fora” dela.

Os resultados parciais desta investigação indicam que o mapeamento da literatura que problematiza a escola na sua articulação com as culturas juvenis aponta questões relevantes para uma reflexão crítica sobre as possibilidades ou não de práticas musicais no contexto escolar. O interesse aqui não é defender a presença ou não da música na escola, mas compreender as dificuldades e possibilidades de se praticar música com toda a densidade que essa prática contempla.

Referências Bibliográficas

- Abramo, Helena. (2003). Espaços de juventude. In Freitas, Maria Virgínia; Fernanda de C. Papa (orgs.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa: Fundação F. Elbert. p. 219-231.
- Ariès, Philippe. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Bardin, Laurence. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Corti, Ana Paul, Raquel Souza. (2004). *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa.
- Dayrell, Juarez. (2003). Escola e culturas juvenis. In Freitas, Maria Virgínia, Fernanda de C. Papa (orgs.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa: Fundação F. Elbert. p. 173-189.
- . (2002). Juventude e escola. In Sposito, Marília P. (coord.) *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/INEP/COMPED. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/juventude_escolarizacao_n7_151.pdf. Acessado em 08 /agosto/2005.
- . (2005). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Denora, Tia. (2000) *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fialho, Vânia M. (2004). O rap na vida dos rappers - “eu carrego o rap como a minha vida, sem ele eu acho que não vivo”. In: *Anais do 13º Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical*. Rio de Janeiro: ABEM. p. 1068-1073.
- Green, Lucy. (2003). Music education, cultural capital and social group identity. In Clayton, Martin, Trevor Herbert e Richard Middleton (eds.) *The cultural study of music*. Londres: Routledge. p.263-273.
- Hargreaves, David. (2005). Within you Without you: music, learning and indetity. DOTTORI, Maurício, ILARI, Beatriz, COELHO DE SOUZA, R. (eds.) *Anais do 1º Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*. Curitiba: Dearts - UFPR. p. 17-27.
- Hentschke, Liane, et al. (2001). A inter-relação das atividades de composição, execução e apreciação musical: um estudo de caso com banda de adolescentes. *Anais do 10º Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical*. Rio de Janeiro: ABEM. p. 1-8.
- Peralva, Angelina. (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/ 6, p. 15-24.
- Peralva, Angelina T., Marília. P. Sposito. (1997). Editorial *Revista Brasileira de Educação*, n.5/6, p. 3 e 4.
- Peregrino, Mônica., Paulo Carrano. (2003). Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. *A ESCOLA e o mundo juvenil: experiências e reflexões*. São Paulo: Ação Educativa. p. 12-21.
- Rabaioli, Inácio. (2005). Perfil preliminar das práticas musicais não-escolares de estudantes do ensino médio. *Anais do 14º Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical*. Belo Horizonte: ABEM p. 1-6.
- Schmeling, Agnes. (2004). Adolescentes, o canto e as mídias eletrônicas. *Anais do 13º Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical*. Rio de Janeiro: ABEM, 2004. Rio de Janeiro: ABEM. p. 09-16.
- Silva, Helena Lopes. (2004). Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. *Revista ABEM*, Porto Alegre, vol. 11, p. 75-83.
- Silva, José Carlos. (1998). *Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

- Sposito, Marília P. (coord.) (2002). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/INEP/COMPED. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/juventude_escolarizacao_n7_151.pdf. Acessado em 08 /agosto/2005.
- Sposito, Marília P. (1993/94). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ações coletivas na cidade. *Tempo Social* - Revista de Sociologia, USP, v.5, n.12, p. 161-178.
- Tenti Fanfani, Emilio. (2002) *Culturas jovens e cultura escolar*. Disponível em http://www.mec.gov.br/seb/pdf/cult_jovens.pdf. Acessado em 09/set/2005.